



NOME E IDENTIDADE CULTURAL EM ANGOLA: O PAPEL DO NOME EM KIKONGO COMO SÍMBOLO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL BAKONGO

ABEL CALOMBO QUIJILA¹ E MBIAVANGA ADÃO GARCIA²

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo analisar os nomes próprios (topônimos e antropônimos) e os seus significados na cultura Bakongo, uma das principais etnias de Angola. É um estudo da linguística, que se concentra na relação entre a língua e a história cultural. A partir da análise dos nomes, é possível entender as tradições e história de um indivíduo no contexto cultural angolano. Entretanto, a importância da preservação e da valorização dos nomes é destacada na continuidade da ancestralidade, pois eles são portadores de significado cultural e histórico. Nesse sentido, buscamos usar a linguística e a cultulinguística para compreender a importância da língua e da cultura na atribuição dos nomes, e analisar o impacto da aculturação por meio da alienação como um fenômeno que pode também afetar o sentido e significado dos nomes na cultura Bakongo. Em resumo, tencionamos que esta pesquisa sirva como contributo às demais pesquisas sobre a importância de preservar os nomes como parte da história e tradição Bakongo.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Cultura Bakongo. Angola.

ABSTRACT: This research aims to analyze the proper names (toponyms and anthroponyms) and their meanings in the Bakongo culture, one of the main ethnicities of Angola. It is a study of linguistics, which focuses on the relationship between language and cultural history. From the analysis of the names, it is possible to understand the traditions and history of an individual in the Angolan cultural context. However, the importance of the preservation and appreciation of names is highlighted in the continuity of ancestry, as they are carriers of cultural and historical significance. In this sense, we seek to use linguistics and cultulinguistics to understand the importance of language and culture in the attribution of names, and to analyze the impact of acculturation through alienation as a phenomenon that can also affect the meaning and significance of names in Bakongo culture. In response, we intend that this research will serve as a contribution to other research on the importance of preserving names as part of Bakongo history and tradition.

KEYWORDS: Linguistics. Bakongo Culture. Angola.

Angola é um país da África Central, que politicamente situa-se na África Austral, ocupando uma área de 1.246.700 quilômetros quadrados e cuja população é estimada em

¹ Mestre em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: abelcalombe@gmail.com.

² Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). É diretor editorial na editora Terapia Lírica. E-mail: mbiavanga.a.garcia@gmail.com.

34.393.089³ habitantes. É um país plurilinguístico e com diversidade cultural entre os povos que dele fazem parte, como os Ambundu, Ngangela, Tchokwê, Bakongo, Ovimbundu, Ibinda etc., tendo o português como a única língua oficial e de comunicação entre os angolanos. Para Bento Dodão (2017, p.14),

[...] os Bakongo, cuja língua é o *Kikongo*, viveram principalmente no Nordeste de Angola. Hoje, encontram-se nas províncias de Cabinda, Uíge, Zaire e algumas parcelas de Cuanza Norte e Bengo. Este conjunto de indivíduos que viveram e continuam a viver em comunidade não teriam o carácter de comunidade sem que existisse a língua Kikongo.

Quando pretendemos estudar a história africana da África centro-ocidental, a expressão “tradição oral” é utilizada com frequência e de diferentes formas por vários estudiosos que a ela dedicaram as suas investigações. Segundo o historiador e escritor maliano Amadou Hampaté Bâ (1982), na tradição oral existe a vertente didático-pedagógica, por causa da sua importância na transmissão dos conhecimentos de um povo, considerando que ela é a grande escola da vida. Quando olhamos para a tradição oral angolana, percebemos como ela também se construiu a partir de provérbios, nomes, contos, canções, adivinhações, fábulas, poesias, danças e diversas narrativas que ao longo de séculos foram passando de boca em boca, tendo começado a ser fixadas pela escrita ainda no século XX por autores como Óscar Ribas (1952)⁴.

Essa tradição garante a continuação dos hábitos e costumes da ancestralidade por vários povos que compõem o mosaico cultural de Angola. Por exemplo, para os Bakongo, povo em análise, a tradição oral e os nomes são de capital importância para a transmissão e preservação da filosofia de vida na sociedade, por isso são irrefutáveis para os Bakongo, pois são premissa essencial para a perpetuação do legado cultural enquanto povo (QUIJILA, 2022). Neste artigo, vamos explorar os significados dos nomes no contexto Bakongo de Angola, abordando tanto as questões linguísticas quanto as históricas.

A língua e os nomes como símbolos da preservação cultural Bakongo

Na cultura Bakongo, os nomes desempenham um papel importante na preservação da identidade cultural e histórica. Eles são usados para identificar as pessoas e os objetos, mas também possuem um significado cultural e histórico relevante. Chinua Achebe (1958) é

³ Informações encontradas na Revista Countrymeters. Disponível em: <https://countrymeters.info/pt/Angola>. Acessado no dia 14/06/2021.

⁴ Oscar Ribas foi um escritor e político angolano, conhecido por suas obras literárias em língua portuguesa, incluindo "Kandengues do M'Puto". Ele também teve um papel importante na luta pela independência de Angola e foi o primeiro presidente da Assembleia Legislativa de Angola após a independência em 1975.

conhecido por sua obra "Things Fall Apart" (1958), na qual ele discute questões de língua e identidade cultural na sociedade igbo. Achebe (1958) utiliza a língua igbo como uma forma de mostrar a riqueza e a complexidade da cultura africana, incluindo termos e expressões igbo em sua escrita, o que contribui para a sensação de confiança e profundidade na descrição da sociedade igbo. O autor também aborda como a língua é um elemento fundamental na construção da identidade cultural e como sua perda pode afetar a comunidade.⁴

A imposição da língua do colonizador é apresentada como uma forma de encontro da cultura e da identidade dos personagens. Além disso, Achebe (1958) destaca a importância dos nomes na cultura africana, como eles refletem a história e as tradições de uma comunidade e como sua perda ou mudança é vista como uma forma de capturar a identidade cultural. O objetivo deste estudo é explorar como a língua e os nomes, em particular os nomes Bakongo, foram afetados pela colonização e como isso contribuiu para a perda da memória histórica e da identidade cultural dos angolanos. Além disso, examinaremos como a perda ou mudança desses nomes é considerada uma forma de ameaça à identidade cultural.

Com isso, ao analisar os aspectos fonológicos e semânticos dos nomes Bakongo e sua relação com a língua e a cultura, esperamos compreender melhor como esses elementos estão entrelaçados e como eles contribuem para a construção da identidade cultural de Angola.

A linhagem matrilinear é extremamente importante na cultura Bakongo. Nessa sociedade, o sobrinho é mais respeitado do que o filho, pois a filiação é baseada na linhagem materna. Essa importância é refletida até mesmo na formação dos nomes, que possuem regras específicas na língua Bakongo. Os nomes próprios, por exemplo, geralmente são compostos por dois elementos: o nome do pai e o nome do avô materno. Essa tradição reforça a importância da figura materna na transmissão da cultura e identidade do povo Bakongo. Isso cria uma conexão entre as gerações e reforça a importância da família e do parentesco na cultura Bakongo.

Por exemplo, o nome "Mbula" é composto pelo nome do pai "Mbu" e pelo nome do avô materno "La". Essa estrutura cria uma conexão entre as gerações e também reforça a importância da família e do parentesco na cultura Bakongo.

Os nomes também desempenham um papel importante na comunicação oral e escrita da língua Bakongo. Eles são frequentemente usados em conjunto com verbos e adjetivos para

⁴ A sociedade Igbo é encontrada principalmente na região sudeste da Nigéria, um país localizado na África Ocidental. Os Igbo são um dos maiores grupos étnicos da Nigéria, com uma população de cerca de 30 milhões de pessoas. Eles têm sua própria língua e cultura distintas e são conhecidos por suas habilidades comerciais e artesanais.

formar frases completas e transmitir mensagens. Não é à toa que os contos e histórias transmitidos de geração em geração frequentemente incluem nomes de personagens e lugares, preservando a memória coletiva da comunidade.

Em resumo, os nomes têm uma importância significativa no contexto Bakongo de Angola, tanto do ponto de vista linguístico quanto histórico. Eles desempenham um papel importante na preservação da identidade cultural e histórica da comunidade, na comunicação oral e escrita e na tradição oral. É importante reconhecer e respeitar isso, permitindo que a comunidade Bakongo continue a preservar sua identidade e tradições.

Para um artigo sobre a importância dos nomes no contexto Bakongo de Angola, a fundamentação teórica pode incluir conceitos multidisciplinares a partir das áreas de história, antropologia, linguística e estudos culturais. A história nos guia no tempo e no espaço, nos mostra o passado como a marca do nosso presente e ainda nos ajuda a lidar de forma consciente com o futuro, por isso é considerada como a ciência do tempo (LE GOFF, 1990); a Antropologia fornece uma compreensão da cultura e das práticas sociais de uma comunidade. Isso inclui a importância dos nomes na cultura Bakongo, abrangendo sua relação com a família, parentesco e crenças espirituais; a Linguística fornece uma compreensão da estrutura e uso da língua. Isso inclui as regras específicas para a formação e uso dos nomes Bakongo, bem como sua importância na comunicação e na preservação da identidade cultural; e por fim, os Estudos culturais fornecem uma compreensão da forma como as culturas e as sociedades se relacionam com o poder e a dominação. Isso inclui como os nomes foram usados como uma forma de resistência durante a colonização e como eles continuam a desempenhar um papel importante na preservação da identidade cultural Bakongo.

Além disso, é importante mencionar que a história também é uma fundamentação importante para este artigo, pois ela nos permite entender como a colonização e as políticas do colonizador afetaram a cultura e a língua dos Bakongo e como os nomes foram usados como uma forma de resistência e preservação da identidade.

Com isso, Kialanda, Tumua, Bengui e Timbane (2019), discutem sobre o uso da língua que passa a ser visto como uma forma de expressar a identidade social dos falantes, e a proibição de sua utilização é frequentemente interpretada como uma rejeição da cultura e do grupo social ao qual eles pertencem. A língua está intimamente ligada à cultura e a cultura é frequentemente expressa através da língua, o que é refletido no estudo das relações entre língua e cultura, conhecido como cultolinguística. A hipótese de Sapir-Whorf foi formulada no início do século

XX. As ideias da hipótese foram baseadas nas obras do linguista Edward Sapir e do antropólogo Benjamin Lee Whorf.

As ideias centrais da hipótese foram amplamente discutidas em artigos e estudos realizados por ambos os autores, como em "The Status of Linguistics as a Science" de Sapir em 1966 e "Language, Thought, and Reality" de Whorf em 1956. Desde então, a hipótese de Sapir-Whorf tem sido objeto de discussão e crítica em diversas áreas da linguística e outras ciências sociais e humanas. Já do outro lado, os estudos de Sapir J. M. Câmara Jr. (1966) e C. Kramsch (1998) mostraram as conexões entre língua e cultura. Neste estudo, usamos o termo aculturação para nos referirmos aos fenômenos que decorrem de contatos diretos e prolongados entre duas culturas diferentes, os quais geralmente resultam em mudanças ou transformações em uma ou ambas as culturas envolvidas. Este fenômeno é particularmente evidente nos nomes, que são vistos como entidades que identificam os seres humanos e carregam significados históricos e culturais.

Os nomes atribuídos pelos colonizadores portugueses em Angola, que eram impostos e não refletiam a cultura e as tradições dos angolanos, tiveram um impacto significativo na perda da identidade cultural e histórica do país. A tradição oral africana enfatiza a importância dos nomes, pois eles carregam consigo significado cultural e histórico e são transmitidos de geração em geração. A atribuição de nomes na tradição oral é feita com base em diversos motivos, incluindo a história da família, a origem do fundador de uma comunidade ou um conhecimento antigo.

Os nomes também têm um significado simbólico e espiritual na cultura Bakongo, muitas vezes remetendo às crenças ancestrais e ao poder. Por exemplo, nomes como MANZAMBI, MENAKWAMBI e NDOMBELE remetem a espiritualidades ancestrais e ao poder. Isso mostra que antes da presença europeia na África nossos antepassados tinham uma estrutura, definição e organização bem estabelecida e compreensão da existência de um ser supremo, como é o caso dos nomes mencionados.

Além de designar seres, coisas, animais, ações, qualidades ou estados, o nome carrega consigo um simbolismo muito mais profundo do que meramente um substantivo na gramática tradicional. Ele é um elemento que representa a identidade do indivíduo, mas também a Kanda/Makanda (Família/famílias, linhagem/linhagens) ancestral da qual ele ou ela faz parte, transmitindo uma conexão com as raízes e história de sua família.

É um produto sócio-histórico e social, associado a uma determinada língua e carregando uma carga cultural compartilhada por uma sociedade linguística. O nome é visto como parte

constitutiva de uma pessoa, explicando a natureza própria do ser individual e mostrando a sua realidade e interioridade.

O presente artigo busca compreender a importância dos nomes no contexto Bakongo de Angola, tanto do ponto de vista linguístico quanto histórico. É importante destacar que os nomes próprios (topônimos e antropônimos) possuem origem e significado intrínseco, e são transmitidos de geração em geração, sendo, portanto, uma parte importante da identidade cultural do grupo. Entretanto, ao longo da história, especialmente durante a colonização, houve um processo de desvalorização e esquecimento desses nomes, o que tem impactado na preservação da memória e da identidade cultural do povo Bakongo.

Sabemos que a fonologia é a parte da linguística que estuda os sons de uma língua e como eles se relacionam entre si e com o significado das palavras. Ela se concentra em como os sons são organizados dentro de uma língua e como eles são usados para distinguir significados. Isso é diferente da fonética, que se concentra na produção e percepção dos sons da fala humana. Já a semântica é o ramo da linguística que estuda o significado das palavras e expressões utilizadas pelos seres humanos. Na cultura tradicional os nomes têm um significado específico que identifica a pessoa ou localidade que os carrega. Os exemplos dados são "Mansanga", que significa lágrimas e tem sentido de sofredora, "Ntango" que significa aviso ou alerta, e "Nkosi", que significa leão e representa a capacidade de resolver problemas sozinho.

Segundo Ndombele e Afonso (2021), a transformação que ocorre nos nomes de lugares e pessoas afeta a terminologia usada para se referir a esses nomes. A Onomasiologia é o estudo desses termos e sua significação. Esses termos são caracterizados por serem unívocos, ou seja, possuem um único significado, o que garante estabilidade semântica e precisão na terminologia. O significado de tais termos permanece o mesmo independentemente do contexto em que são usados, e são exclusivos da terminologia Onomástica.

Para entender a estrutura gramatical e sintática dos nomes na língua Kikongo, recorreremos ao livro de José Lourenço Tavares (1971), "Gramática da língua do Congo (Kikongo)". Este livro se dedica ao estudo da língua Kikongo, falada em Angola e Congo, e abrange aspectos como a estrutura da frase, as formas verbais, as conjunções, os pronomes e os numerais. Ele apresenta exemplos de como a língua é usada em contextos reais de comunicação e inclui uma seção de exercícios para ajudar os leitores a praticar e solidificar sua compreensão da língua. Além disso, o livro também apresenta uma breve história da língua Kikongo e sua relação com outras línguas Bantu, tornando-se uma ferramenta valiosa para aqueles que desejam aprender a língua Kikongo e compreender sua gramática e estrutura.

A estrutura básica é composta por um sujeito, um verbo e um objeto, mas existem variações como a inclusão de adjuntos e modificadores. As formas verbais incluem a conjugação dos verbos de acordo com o tempo, modo e pessoa. As conjunções são usadas para ligar orações e expressar relações entre elas. O livro também apresenta uma descrição completa dos pronomes e suas funções na frase, incluindo os pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos. Além disso, os numerais são explicados, incluindo a formação dos números ordinais e cardinais. Dessa maneira, para apresentar a estrutura gramatical completa dos nomes na língua Kikongo, recorreremos a esta "Gramática da língua do Congo (Kikongo)" (1971) como fonte de exemplos reais. Com isso, notamos que uma das características gramaticais do Kikongo é a sua estrutura de frase VSO (Verbo-Sujeito-Objeto), o que significa que o verbo é geralmente colocado antes do sujeito e do objeto na frase.

As formas verbais no Kikongo são bastante flexíveis. Elas podem ser conjugadas para indicar tempo, modo e aspecto. Por exemplo, o verbo "kala" (comer) pode ser conjugado como "kalaka" (estou comendo) ou "kalé" (comi).

Conjunções também são importantes para a construção de frases no Kikongo. Algumas das conjunções mais comuns são "na" (e), "kasi" (mas), "kumu" (porque) e "mu" (com)

Os pronomes pessoais são igualmente importantes. Eles incluem os pronomes sujeitos "mu" (eu), "mi" (eu) e "su" (você), e os pronomes objetos "mu" (me), "mi" (me) e "su" (você).

Os numerais no Kikongo são baseados em um sistema decimal, eles incluem os numerais ordinais e cardinais como "nkanda" (primeiro), "nsangu" (segundo) e "nsuku" (terceiro).

Por exemplo: "Mu kalaka nkanda. Kasi mi kalé nsangu" (Eu estou comendo o primeiro. Mas eu comi o segundo).

Destacamos em geral a estrutura da frase e o sujeito-verbo-objeto (SVO), mas também podemos mencionar que é possível encontrar estruturas diferentes como VSO e SOV. Além disso, Tavares (1971) apresenta as formas verbais, incluindo os tempos verbais presente, passado e futuro, bem como as conjunções, os pronomes e os numerais.

Um exemplo que podemos apresentar é a estrutura verbal na forma passada. Ele mostra que o verbo é geralmente conjugado com o sufixo -l- para indicar o passado, como por exemplo "kul-a" (comer-passado) para "comeu".

Outro exemplo que o autor apresenta é a conjugação dos verbos nas formas imperativa e negativa. Ele mostra que para conjugar o verbo na forma imperativa o sufixo -e é adicionado ao verbo, como por exemplo, "kula" (comer) + -e (imperativo) = "kule" (come!), e para conjugar

o verbo na forma negativa é adicionado o sufixo -nga, como por exemplo "kula" (comer) + -nga (negativo) = "kulanga" (não comer).

Podemos notar que os exercícios e explicações em detalhes conseguem servir como uma ferramenta valiosa para compreender o papel dos nomes na língua Kikongo. Eles fornecem uma visão detalhada da estrutura gramatical da língua, incluindo a estrutura da frase, as formas verbais, as conjunções, os pronomes e os numerais. Além disso, os exemplos de como a língua é usada em contextos reais de comunicação em conjunto com a seção de exercícios ajudam os leitores a praticar e solidificar sua compreensão da língua.

Assim sendo, é fundamental a compreensão do leitor sobre o papel que os nomes desempenham na sociedade e na identidade cultural dos Bakongo. Também é importante nos situarmos sobre os fatos históricos que giram em torno da problemática da falta de valorização das famílias e do Estado angolano sobre os nomes africanos nos dias de hoje, como veremos no item a seguir a dinâmica de genocídio cultural protagonizada pelo colonialismo europeu sobre a sociedade Bakongo durante o século XV e com um reforço/reprodução deste genocídio no governo de Norton de Matos, já no século XX.

História e genocídio cultural em Angola

Quando analisamos minuciosamente os primeiros contatos comerciais entre os invasores comerciantes navegadores portugueses com o manikongo na foz do rio Zaire em 1482, percebemos que o século XIX pode ser visto como a consolidação ou o apogeu desse projeto colonial capitalista e racista europeu conhecido e difundido desde então pela historiografia colonial como “expansão marítima”. Mesmo assim, entendemos que a expansão marítima comercial, ou a fase do mercantilismo europeu (da perspectiva marxista), não foi um passo a passo programado para alcançar a revolução industrial, o capitalismo e o imperialismo, apesar daquela experiência histórica ter levado a esse contexto (QUIJILA, 2022).

É verdade que a era moderna (XV-XIX) marca o fim do pensamento vaticinador para o pensamento prognóstico (KOSSELECK, 2001). E que a era contemporânea ou pós-moderna é difícil de conceptualizar exatamente porque o pensamento prognóstico, apesar de bastante desiludido, ainda dá a diretriz do pensamento ocidental nesse sistema mundo.

A colonialidade cinge partindo da ideia de uma dominação ou imposição cultural, política e religiosa de um povo sobre o outro com objetivos de estender a sua soberania (MUDIMBE, 2019). Partindo desse conceito, pensamos a imposição cultural do catolicismo romano do século XV durante os acordos comerciais com o império do Kongo como a nascente

do colonialismo e colonização europeia na África Central. Apesar desta imposição não implicar o fim da soberania de poder político em lugares como o império do Kongo, a política expansionista europeia organizava o comércio transatlântico, vinculado diretamente às ações do cristianismo, católico ou protestante, de forma a difundir o pensamento colonialista, ao mesmo tempo que implementava certa fragilidade política nesses Estados africanos.

Segundo Tzvetan Todorov (1999), colonizar significa explorar em conjunto com a expansão do império cristão. Partindo dessa ideia, entendemos que o papel dos missionários no projeto colonial português dos séculos XVI a XVIII, em particular no império Kongo (que representa o mosaico cultural Bakongo), não só implicou na demonização das espiritualidades locais como também trouxe impactos significativos nas mudanças dos nomes Bakongo para o modo de vida que se construiu e as resistências que foram se constituindo ao longo do tempo.

Em 1491, quando a nobreza Bakongo foi convertida ao catolicismo por alianças políticas, nem todos aceitaram a conversão. O sobrinho ou filho do Ntotela Nzinga-a-Kwuvu, conhecido como príncipe Mpanzu-a-Kitimu, resistiu à presença dos portugueses no reino Kongo. A imposição do cristianismo em nome do colonialismo resultou na mudança de nome de toda a liderança Bakongo, incluindo Nzinga-a-Kwuvu, que passou a se chamar João I. Essa mudança marcou o início da expansão do cristianismo e, infelizmente, dos genocídios culturais decorrentes da adoção de nomes europeus em África. (Bruno Máximo, 2017),

Naquela época, o novo nome aportuguesado simbolizava as novas alianças, apoio militar e proteção contra os inimigos que ameaçavam constantemente o seu trono, como nos aponta Marina de Mello e Souza (2018):

Aceitar o batismo e a pregação dos missionários em suas terras, permitir a livre passagem das caravanas de comerciantes e soldados sob as ordens dos portugueses, fornecer guias, carregadores e soldados e pagar tributos. Em troca, tinham sua autoridade reconhecida e podiam contar com o apoio dos portugueses contra eventuais opositores (SOUZA, 2018, p. 230).

Essa imposição missionária durante os acordos, que também cingia com as mudanças dos nomes da elite Bakongo que representavam as suas origens e identidades, demonstra o quanto a colonialidade como epistemicídio se desenrolou desde o fim do século XV em nome da religião, cumprindo assim severamente com a agenda política europeia de destruir e apagar as outras formas de civilização não ocidental. De lá para cá, os nomes africanos e a valorização das espiritualidades africanas sempre foram usados como uma forma de resistência e preservação da identidade, permitindo que a sociedade mantivesse suas tradições e história vivas.

Se entendemos que um povo é guiado pela sua cultura e história, como diria Le Goff (1990, p.42), que a cultura (ou mentalidade) histórica não depende apenas das relações memória-história, presente-passado, pois a história é a ciência do tempo e está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade, logo, é importante destacar que a imposição de nomes europeus em detrimento dos nomes africanos não é uma prática nova na história de Angola. Durante o período colonial, o governo português, liderado pelo governador Norton de Matos, manteve algumas práticas antigas, impondo violentamente a proibição dos nomes nas línguas nacionais de Angola, obrigando os angolanos a adotarem nomes portugueses. Essa imposição cultural foi uma das muitas formas de opressão e dominação colonial que ocorreram em Angola e em outros países africanos. Infelizmente, mesmo após a independência, muitos governos africanos continuaram a incentivar a proliferação dos nomes europeus em detrimento dos nomes africanos, perpetuando um legado de genocídio contra a herança ancestral africana.

Um povo só é valorizado quando vive a sua cultura num mundo globalizado onde as culturas dominantes estão em constante luta de expansão, por isso solicitamos que o ministério da Educação em Angola não fique de fora na luta pela descolonização mental e que compreenda que chegou o momento de Angola abraçar uma mentalidade africana com políticas educacionais tangíveis, que primem pela valorização dos nomes de todas as culturas do país, pois tais atos simbolizarão a preservação e o poder da cultura no tempo.

Considerações finais

Trazer os nomes como uma identidade na cultura Bakongo é valorizar e ao mesmo tempo resgatar a importância da língua Kikongo como uma marca ancestral na sociedade angolana. Esses nomes por si só carregam significados que as famílias procuram preservar para dar continuidade à linhagem, seja paterna ou materna. Como exemplo, os nomes Mbiavanga e Nzola carregam marcas identitárias. Na cultura Bakongo, Mbiavanga significa “*O que fiz ou algo que aconteceu para o indivíduo, como quando o mesmo é acusado de algo*”, enquanto Nzola carrega o significado de “*Amor, afeto, sentimento etc.*”. Logo, podemos notar a complexidade dos nomes e seus significados. Com a imposição dos colonizadores portugueses no período compreendido entre 1482 e 1975, deu-se uma proibição da utilização dos nomes, outrora considerados como símbolo da identidade social e cultural dos Bakongo. Como resultado, muitos nomes foram substituídos por nomes de origem estrangeira, sem considerar o significado cultural e histórico que carregavam consigo. A partir deste estudo, concluímos que

é importante preservar e valorizar os nomes como uma forma de preservar a memória histórica e cultural do povo Bakongo de Angola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHEBE, Chinua. As coisas desmoronam. Heinemann. Lagos, 1958.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: História Geral da África. Vol. I (coordenado por Joseph KI-ZERBO): Metodologia e pré-história da África. Trad. de Beatriz Turquetti et alii. São Paulo: Ática; [Paris]: Unesco, p. 181-218.1982.

CÂMARA JR, Sapir Joaquim Mattoso. Antenor Nascentes e a filologia brasileira. DE FILOLOGIA, p. 37, 1966.

Country Meters. Angola População 2023 (Online). Disponível em: <https://countrymeters.info/pt/Angola> . Acesso em: 14 jun. 2022.

DODÃO, Bento Miguel Vete. Análise descritiva dos antropónimos da língua kikongo. 81p. Dissertação (Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2017.

KIALANDA, K. S., TUMUA, K., BENGUI, M., & TIMBANE, A. (2019). O Kikongo e a cultura do povo bakongo: a cultolinguística nos nomes próprios. Revista Versalete, 72-91.

KOSSELECK, Reinhart. Futuro pasado. Para una semantica de los tiempos históricos. Barcelona / Buenos: Ediciones Paidós, 2001.

KRAMSCH, Claire. Culture in foreign language teaching. Iranian Journal of Language Teaching Research, v. 1, n. 1, p. 57-78, 1998.

KUNDONGENDE, J. da C. Crise e resgate dos valores morais, cívico e culturais na sociedade Angolana. Copyregh. Huambo-Angola. (2012).

LE GOFF, Jacques. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MÁXIMO, Bruno Pastre. Legislação e conflito no reino do Kongo do século XVI. Temporalidades, v. 9, n. 3, p. 228-242, 2017.

MUDIMBE, Y. Valentin. A invenção de África. Gnose. Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2019.

NDOMBELE, Eduardo David; AFONSO, Makikadila. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 1, p.103-119, jan./jun. 2021.

QUIALA, M. Longoka Kikongo-Aprenda kikongo. Luanda: Mayamba. (2013).

QUIJILA, Abel Calombo. KIMPA VITA: UM CASO DE RESISTÊNCIA CONTRA O PROJETO DE COLONIALISMO NA ÁFRICA NO SÉCULO XVII, p.21-41. Ensaios interdisciplinares em humanidades. Organizadores Arilson dos Santos Gomes, Edson Holanda Lima Barboza, Geórgia Maria Feitosa e Paiva, Ivan Maia de Mello. – Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022.

RIBAS, Óscar. Ecos da minha terra. Luanda: Editora Maianga, 1952.

SOUZA, Marina de Mello. POLÍTICA E RELIGIÃO NO REINO DO CONGO (SÉCULOS XV-XVI): DOM AFONSO I, O REI CONVERTIDO. Temporalidades, 2018.

TAVARES, J. L. Gramática da Língua do Congo (Kikongo), Instituto Internacional de Línguas e Culturas. Lisboa, Portugal. 1971.

TAVARES, José Lourenço. Gramática da língua do Congo (kikongo): dialeto kisolongo. Loanda: Imprensa Nacional de Angola, 1915.

TODOROV, Tzvetan. The conquest of America: The question of the other. University of Oklahoma Press, 1999.